

VOLTARA' O ESCUDO?

Cap. MARIO IMBIRIBA

A arte da guerra passa por transformações periódicas e na expressão de Napoleão é necessário mudar a tática cada dez anos se se quer conservar alguma superioridade. A surpresa que causam, constitue já uma acentuada vantagem. Impõem ao inimigo readaptação que requer tempo para estudos, provimentos, instrução e que nem sempre existe.

Distinguem-se dentro dessas mutações duas grandes categorias: a primeira, mais numerosa, reúne aquelas que são devidas ao progresso do armamento, das descobertas científicas, acompanhadas quasi sempre de transformações nos processos de combate; a segunda, as que dizem respeito às novas formações ou modo de combater com as mesmas armas.

Processam-se mais a miúdo do que percebemos, muitas, entretanto, ficam anónimas nos regulamentos, nas instruções, esquecidas pelas subseqüentes, sem que o grande ruído da vitória as consagre.

Da primeira categoria citaremos, ao acaso, as que se tornaram mais notórias pelos efeitos: a sarissa de Felipe da Macedónia; o tiro em conjunto da infantaria e os canhões de batalhão, de Gustavo Adolfo; a aprouada, na batalha de Riachuelo, por Barroso; o foguete como meio de transmissão e o balão como observatório, por Caxias, em Humaitá; maior articulação da infantaria, em grupos de combate, pelo aparecimento de uma arma de tiro mais rápido e o cuidadoso disfarce das posições de bateria, pelos nipônicos, na guerra russo-japonesa; os gases, tanques e a aviação na guerra européa de 1914-1918 e últimamente o emprego do avião em mergulho conjugado com a ação dos carros blindados e que deu nascimento à já notória "blitzkrieg".

São exemplos clássicos da segunda categoria a ordem oblíqua de Epaminondas, na batalha de Leutra, estilizada por Frederico II; a formação do quadrado, do condestado Nunalvares Pe-

reira, na batalha de Atoleiros, contra as cargas de cavalaria, que Napoleão adaptou às circunstâncias, às armas da época, na campanha do Egito e que havia de ter aplicação corrente entre nós na memorável retirada da Laguna.

Releva salientar que as inovações eficientes não surgem ao sabor das capacidades inventivas apenas, mas como consequência de profunda elaboração do espírito ofensivo e da vontade de vencer. Só assim podem dar resultados. A máquina é um instrumento, precisa ser movimentada por uma vontade determinada; consciente.

Tôda inovação pròpriamente tática e que na guerra assume aspecto de temeridade, precisa basear-se nas inclinações do combatente e no espírito de que está animado. Deve aproveitar no máximo essas qualidades.

E? o segredo dos grandes prodígios.

* * *

O alcance, a precisão, a rapidez de tiro, o calibre variado das armas de fogo, próprios cada qual a produzir determinados efeitos e que se completam, justapondo ou superpondo-se, qualidades que a técnica armamentista desenvolve progressivamente, tornou a ação do fogo preponderante no combate moderno. Tais são os efeitos morais e de destruição, que hoje é considerado impossível uma progressão contra fogos bem ajustados.

Ora, tendo em vista que só a ofensiva dá resultados positivos e que a vontade de vencer se manifesta pelo avanço para o inimigo, de maneira a exterminá-lo pelo fogo que progride ou, principalmente, pelo ato culminante do combate que é o ataque à arma branca, o nosso espírito se atém em considerações como proteger o infante que precisa caminhar contra êsses fogos.

A blindagem dos carros, das partes vitais do avião, a "cammouflage" e espaldões são expedientes que asseguram proteção mais ou menos eficaz ao combatente. Todavia, ao infante que avança abrigado por um simples capacete, resta apenas a bravura e a cortina alucinante da barragem que a artilharia amiga lhe oferece na frente.

Não creio tardar pela técnica armamentista a solução de um escudo portátil e resistente para o infante que o resguarde dos tiros de infantaria e dos estilhaços de granada que venham da frente.

O capacete de aço já é o início da solução. Quando o escudo não o proteja completamente pelo menos criará uma atitude mental.

A idéia não é nova se considerarmos que o escudo sempre existiu nas guerras de outrora. A condição é adaptá-lo às características das armas de arremêso de hoje; anular pela judiciosa disposição de superfícies reversas, amortecedores, metais leves e resistentes a descomunal força viva do projétil moderno. Certamente nem todos os combatentes levarão escudo, a distribuição numa ou noutra proporção de volteadores, serventes das armas automáticas é detalhe que faz parte da organização.

Se sua influência é lógica no combate ofensivo não menos é na defensiva.

Um dispositivo deve permitir armá-lo como cobertura sôbre a trincheira. E se levarmos em conta que os tiros da infantaria são numa grande proporção feitos para o alto, porque o atirador instintivamente procura ocultar-se atrás da crista de fogo da trincheira, a infantaria terá com a adoção do escudo uma percentagem centuplicada de tiros eficazes, porque o atirador protegido por cima pelo escudo fará uma pontaria mais segura.

No assalto a sua utilidade é curial.

* * *

Os antecedentes históricos provam ter o soldado brasileiro qualidades excepcionais. De sua paciência, coragem, firmeza e quase inexpugnabilidade na defesa das posições falam eloquentemente o reduto do Rio Formoso, Dourados, Canudos, Contestado. O mesmo se pode afirmar do ímpeto no assalto à arma branca, cujos feitos seria inútil enumerar, porque sempre que houve o clarim "calar baionetas" conseguimos a vitória, que não raro se tinha esboçado ao inimigo.

Por que não seremos os primeiros a adotar o escudo ?